

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Maria Lúcia de Carvalho Pereira

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

São Paulo/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Kelen Gracielle Magri Ferreira da Etec Carlos de Campos

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Elaboração do roteiro da pesquisa: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Local da entrevista: São Paulo (online)

Data: 23 de junho de 2022

Técnico de gravação: Não se aplica

Duração: 66 minutos e 10 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Número de páginas: 23

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada para o programa “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza, no projeto “Memórias do trabalho docente” para o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, para compor material para uma exposição virtual sobre a linha sucessória de diretores e para o artigo: “De Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: suas diretoras entre 1993 e 2004”, com a entrevistada Maria Lúcia de Carvalho Pereira, por esta ter atuado como diretora da Etec Carlos de Campos. Site da exposição virtual:

<https://kelenmagri.wixsite.com/diretorescaca>

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 29 de outubro a 13 de novembro de 2022

Nome da transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Kelen Gracielle Magri Ferreira (KGMF): Boa noite. Eu, Kelen Gracielle Magri Ferreira, agradeço a senhora Maria Lúcia de Carvalho Pereira por estar cedendo essa entrevista, hoje que é dia 23 de junho de 2022, de maneira online, para o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em São Paulo, e que será difundida no programa História Oral da Educação do Centro Paula Souza. E eu gostaria de iniciar com a seguinte questão professora, solicitando que a senhora relate um pouco da sua vida pessoal, onde nasceu, a formação profissional, os incentivos da família. Contar um pouquinho da sua história.

Maria Lúcia de Carvalho Pereira (MLCP): Boa Noite. É um imenso prazer fazer parte desse projeto, até por conta que eu dignifico demais esse projeto. Muito bonito. Bom, sou Maria Lúcia, sou paulistana, nasci no Bixiga. Mais paulistana do que eu, acho que são poucos. E a minha vida pessoal sempre foi em São Paulo. Sou casada há 51 anos e tenho 3 filhos, 6 netos, tenho a vida toda ajeitadinha, e dediquei a minha vida profissional, embora cuidando dos filhos também, a ser professora. Por quê? Sou filha de portuguesa e português assim, você vai procurando logo um diabo que te carregue, então só podia ser professora, por conta de que eu precisava cuidar de casa, arrumar um marido, e ganhar dinheirinho. E assim foi minha vida. Hoje, eu hoje tenho muito orgulho, fiz muita coisa pela educação. Fiz muita coisa pelos meus filhos, inclusive. E agora ainda continuo aí na ativa, continuo trabalhando. Sempre morei aqui na cidade e foi com imenso prazer que eu cheguei a ser diretora do Carlos de Campos. De que forma? Eu trabalhava na Secretaria da Educação, eu fiz um concurso no Centro Paula Souza para a direção. No concurso, eu passei no concurso, e me pediram para que eu aguardasse, aí eu aguardei um tempo só que me chamaram para uma direção da Secretaria da Educação numa escola aqui em Santo Amaro. E eu fui ao Centro Paula Souza e perguntei: - era a professora Elenice e não era chefe de gabinete ainda, ela era assessora, quem era chefe de gabinete, nessa época, era o professora Laura Laganá, e o nosso superintendente era o professor Marcos Monteiro. E aí eu perguntei para ela se eu podia, eu falei: "olha, vocês me mandaram aguardar" – "Não, não, não assuma ainda, você vai voltar aqui e nós vamos querer conversar com você". No dia seguinte, me ligaram, e eu fui lá e falaram: "olha, nós temos uma direção para você pegar, nós queremos saber se você se interessa". A professora Elenice me disse: - "É um desafio, porque a professora Margareth, que era diretora no Cacá, na época, ela precisou optar entre prefeitura, bagagem de comprometimento de horário, coisas profissionais, e ela optou pela prefeitura, talvez porque fosse mais vantajoso. E aí vagou o Cacá e aí me perguntaram se eu aceitava o desafio. Pensei: "bem, nossa porque desafio?". Numa entrevista inclusive com o professor Almério, eu disse: "Por que desafio?", "Não, porque é uma escola muito antiga, é uma escola que tem muita história, foi da Secretaria da Educação, na época da Secretaria da Educação ninguém ficava na direção". Então tem um histórico, porque ninguém queria regras, que os professores não queriam regras.

KGMF: Ah, é naquela época principalmente "pós" ditadura?

MLCP: (inteira pichada) (...) A Margareth, professora Margareth fez um trabalho muito bonito. Quando eu cheguei à escola já era limpinha, as paredes limpinhas, porque ela era toda pichada. E uma escola com muita dificuldade nesse sentido de relacionamento. Margareth fez um grande trabalho também. E daí, conseguindo?

KGMF: Sim, estamos gravando! Tudo certo!

MLCP: Que bom! A Margareth fez um trabalho muito bonito como eu estava dizendo e eu peguei a escola assim, num desafio, e que foi realmente um desafio. Problemas de cupim, você nem imagina o quanto o trabalho que tinha na escola. Imagina uma escola de 90 anos, porque eu fiz a festa de 90 ano da primeira Escola Feminina de São Paulo, que tinha sido lactário, que tem todo um histórico de governadores, esposas de governadores que iam comprar bordados, e tudo isso que tem aí no cartaz, tudo de verdadeiro mesmo, né? Toda uma trajetória Paulistana. E a dificuldade de lidar com os com os 90 anos e com poucos recursos que o Estado fornecia. Então imagine: a escola tombada pelo Condephaat. Isso você deve saber. Você imagine aquelas portas enormes, lindas maravilhosas, eu acho belíssimas. E, também tinha o problema do forro. O forro de manhã os alunos não conseguiam assistir aula de tanto pozinho de cupim que caía durante a noite, tinha que ser limpa a carteira senão você não conseguia ...

KGMF: A questão de limpeza então por causa cupim...

MLCP: Não, porque durante a noite o cupim comia todo o teto, aquilo precisava ser substituído. Cadê dinheiro? E o Condephaat fazendo exigências. Eu fui várias vezes ao Condephaat porque as portas, elas só tinham a tinta o cupim já tinha comido. Você batia na porta ela era oca. Conforme você batia, você via completamente...

KGMF: As portas das salas de aula? Aquelas “portonas” do prédio antigo?

MLCP: Todas ali no prédio na frente, daquele prédio mais antigo atrás não. Mas o prédio na frente elas eram (...) e não podiam (...) e eu fui no Condephaat – “O que que a gente pode fazer?”; “Ah, precisamos arrumar dinheiro. Onde vamos arrumar dinheiro?” Foi uma trajetória e tanto até que o Centro conseguiu. Eu em cima. Neste momento, já a professora Laura Laganá. O professor Marcos Monteiro já tinha saído. Professora Laura Laganá. Professor Marcos ainda foi na escola, eu mostrei para ele. Eu falei - “Professor, eu, não têm condições, é muito aluno. E se esse teto cai na cabeça desses alunos?”. Morria de medo.

KGMF: Que responsabilidade, né?

MLCP: A responsabilidade. E tinha as traves do forro, do telhado.

KGMF: A madeira dele?

MLCP: (balança a cabeça positivamente)

KGMF: Ah, então o telhado inclusive.

MLCP: Além do forro também o telhado podia cair. Conversei com o professor Marco Monteiro, chorei, chorei. A professora Laura estava junto naquela época e ela conseguiu me ajudar muito por sinal. Ela sempre foi extremamente habilidosa com esse tipo de coisa. Conseguimos um dinheiro e junto ao Condephaat porque tinha que ser feito igualzinha.

KGMF: Sim, eles são exigentes. (...) ao original.

MLCP: ...ao original. Conseguimos no interior de São Paulo, não vou saber te dizer o nome, não lembro mais, já faz muitos anos, já faz uns 20 anos isso ... Eu não lembro mais quando foi, que cidade foi, que nós conseguimos um artesão que fizesse igualzinha às portas. Porque o teto foi feito foi trocado por um teto de daqueles é vinílico.

KGMF: Ah, do tipo PVC, né? Aqueles de PVC?

MLCP: Sim, foi sim igual, mas não de madeira, porque se fosse de madeira poderia ter o caso de (...)

KGMF: E o telhado trocou também ao só (...)?

MLCP: Não... trocou, trocou!

KGMF: Nossa, que obra, hein!

MLCP: Foi, foi uma obra! E sem paralisar as aulas. Foi feito em férias e aí alunos remanejados de um lado para o outro. Foi um pouquinho confuso, foi um ano confuso aquele. Não me pergunte o ano, que eu não lembro, mas tem documentos que podem provar isso. E conseguimos consertar, na verdade as portas ficaram belíssimas, é o que tem hoje. Mas é que estava... não tinha mais condições. Então esse foi um desafio muito grande que deu muito trabalho para conseguir.

KGMF: E demorou bastante também, não? Tanto para conseguir quanto para fazer a obra?

MLCP: As portas quando vieram que tiraram as outras, as portas eram todas prontas. Vieram todas na madeira depois só foi, eu não sei hoje (...) pintada, se elas estão envernizadas, não sei hoje como é que tá.

KGMF: Hoje está na pintura, se não me engano. Está pintadinha sim.

MLCP: Está pintadinha de marrom.

KGMF: De marrom, para ficar parecida com o anterior, não é? Com o original.

MLCP: Isso, exatamente. Não, do original elas tinham sido pintadas muitas vezes.

KGMF: Ah, não dava para nem para saber nem para saber.

MLCP: Não, nem para saber por que foram muitas camadas de tinta. Talvez a última foi marrom, a última foi marrom. Bom, isso foi um grande desafio para nós conseguirmos, mas foi conseguido. E, e depois, o que mais você quer saber?

KGMF: Ah, vou continuando aqui. Olha então falando um pouquinho também da sua trajetória. A oportunidade para virar professora ou já foi como que foi essa transição. Pelo que eu entendi a senhora não foi professora primeiro do Caca para depois virar diretora. Já surgiu a vaga de direção direto?

MLCP: Já fui direto para a direção, eu era da Secretaria da Educação.

KGMF: Era da Secretaria da Educação, mas com formação de professora também?

MLCP: Dava aula na faculdade também.

KGMF: Onde que a senhora dava aula?

MLCP: Dava aula no curso de Pedagogia, tinha uma faculdade, que depois ela comprada, chamada European, em Cotia. E, eu dei bastante tempo aula lá no curso de Pedagogia. E, e depois virou... é uma que tem agora, dá cursos online, bastante cursos online tem bastante propaganda dela. Eles compraram, não me lembro... depois eu lembro o nome já te falo. Depois disso, eu fiquei na direção, depois eu fiz concurso. Os colegas não me deixaram fazer

concurso na escola, porque é o diretor, acaba ganhando muito pontos, muitos pontos. Quando você é diretor você acaba ganhando uma pontuação grande. Eu sou professora da ETESP para você ter uma ideia.

KGMF: Hoje em dia. Hoje?

MLCP: Hoje em dia. A minha sede é na ETESP. Estou porque os colegas não quiseram que eu fizesse que eu ... Eles, acho que alegavam ou temiam que eu pegasse lugar deles, aulas, né? Aulas, alguma coisa nesse sentido, não quiseram. Não tem problema, eu fui em outro lugar, fui em outra escola. Abriu concurso para a ETESP, fiz concurso, eu sou professora da ETESP até hoje. A minha sede é na ETESP.

KGMF: E, e só para lembrar: a Senhora começou lá, que ano mais ou menos, e finalizou que ano a direção?

MLCP: 96 e daí eu saí, foram 7 anos, porque um ano ficou Margareth, depois eu me reelei e eu fiquei 3 anos, de 97 até 99, 2000 e acho que 2004 ou 2005. Porque eu tive uma outra, fui reeleita, eu fui eleita novamente, e aí eu fiquei mais 4 anos. Então na verdade no Caca eu fiquei 7 anos como diretora.

KGMF: Ah, bastante tempo. E aí quando finalizou a direção continuou como professora, aí já se dirigiu para outras Etecs.

MLCP: É, aí eu fui encaminhando aí dentro do Centro Paula Souza, foi uma outra trajetória. Fui para outra escola, foi outra trajetória. E nesse tempo todo do Cacá especificamente, eu tive assim esse do Condephaat, foi um grande desafio. Mas muita gente ajudou qualquer. O gabinete me ajudou muito, porque eles sabiam que eu precisava e tinha que ter... que tinha que ser resolvido. Depois, nós fizemos pintura e aí eu, começaram, foi nessa época que começou a Secretaria do Trabalho, começou com os cursos de profissionalização. Maria Lúcia Mendes fez vários inclusive. Um dela, que eu lembro, um que ela fez e planejou, e levou adiante foi um curso de Dogueiro.

KGMF: Dogueiro?

MLCP: Dogueiro.

KGMF: Ah, se puder explicar para a gente.

MLCP: As pessoas pegavam hot dog, salsicha e pão, punham no carrinho e queriam vender na rua sem o mínimo de higiene. Maria Lúcia fez isso, fez um trabalho maravilhoso, junto a turma de nutrição, para orientar esse pessoal a fazer um curso de como seria a higiene para poder manipular, sabe aquela coisa?

KGMF: Sim.

MLCP: De pôr a maionese, que é maionese é altamente perecível, que põe o milho. Então, essa manipulação. Eles não usavam luva, não usavam nada. Então eles começaram a dar, o Cacá começou a dar curso.

KGMF: Isso dentro do Cacá? Esse curso dentro do Cacá?

MLCP: A Secretaria de Emprego começou a fazer um convênio junto com o Centro Paula Souza para dar cursos de qualificação. Cursos esses, assim: Dogueiro, de profissões elementares, por exemplo, manicure, cabeleireiro, corte masculino e feminino, pintor.

KGMF: Como se fosse um Senai? Cursos do Senai?

MLCP: Só que eram menores os cursos. E assim: nós tínhamos que dar comida para eles. Tinham um padrão de alimentação que a Secretaria do Trabalho repassava o dinheiro para o Centro Paula Souza e o Centro Paula Souza passava para escola. Então a gente dava esses cursos. Para você ter uma ideia o primeiro curso eu fui com a Geane que está lá até hoje.

KGMF: Sim.

MLCP: Pergunte a ela. Uma querida, amo ela de paixão. Eu peguei um trem com a Geane, para você ter uma ideia de como era, e nós fomos a Guaianazes buscar a primeira turma para eles aprenderem como é que ia de trem até a estação, a estação do largo da Concórdia que é a mais próxima para escola.

KGMF: Ah, aí foi ensinando como que pegava, a baldeação.

MLCP: Exatamente. Então veio uma turma, depois nós fomos buscar outra. Nós fomos umas 3 vezes buscar a turma para vir até o Largo da Concórdia. A gente dava um passe para eles que era e a volta. Depois na volta, era só para ensinar e aí eles iam ter aula de pedreiro, pintor, de acabamento de azulejo, de colocador de azulejo. Com isso vinha uma verba para eletrônica... para eletricista, não era eletrônica, não, eletricista. Com essa verba nós fizemos maravilhas no Carlos de Campos, por exemplo, pintura: não tinha dinheiro para pintura, né, porque o governo não vai te dando assim.

KGMF: Sim, é tudo muito escasso, não é?

MLCP: É tudo muito, você sabe como que é. E aí a gente conseguiu pintar uma porção de coisas, as classes que estavam muito sujas.

KGMF: Ah, com os próprios alunos.

MLCP: Com os alunos e com a tinta que a gente podia comprar para eles aprenderem. E fizemos o que eu achei assim sensacional, eu consegui fazer isso, eu lembro muito bem que eu fui na Rua Santa Ifigênia, mas eu me senti tão feliz naquele momento: nós fizemos um anfiteatro, não tinha acústica, não tinha aparelho de som, não tinha não sei se hoje continua o mesmo.

KGMF: Hoje mudou, hoje reformou, mas reformou por causa da acessibilidade precisou colocar elevador e aí ele teve que espremer um pouquinho, deu uma reformada. Mas eu lembro desse auditório assim de quando eu entrei.

MLCP: Então, nesse de auditório que a gente conseguiu, não era o auditório que nós fizemos. O auditório já existia.

KGMF: Era acústica e som, infraestrutura.

MLCP: Som, iluminação, não tinha nada. E os alunos sempre gostaram de teatro, só que não tinha. Com essa turma de elétrica nós conseguimos comprar a caixa de som. Não é uma coisa sofisticada, mas mesa de som nós compramos.

KGMF: E essa mesa eu acho eu acho que existe... se eu não se não me engano tem a mesa até hoje.

MLCP: Alguma coisa deve ter sobrado embora já tem quase sei lá, 18, 20 anos, pode ter muita coisa ter vindo a melhorar. (Desculpa, eu estou no final de resfriado). Então esse anfiteatro eu fiquei muito feliz por conta, assim de que a gente que não tinha dinheiro de jeito nenhum para fazer isso, não era, não existira ilusão querer fazer isso. (tosse) Com o curso foi alguma oportunidade que nós pudemos, que nós podemos arrumar isso. Porque não tinha: “Ah, porque qualquer dia vamos arrumar”. Não tinha de onde tirar o dinheiro. Então com esse (...) então foi pintura. Tinha um curso de culinária, foi ótimo, comprou um monte de panelas para o curso de nutrição, comprou-se uma porção de coisas que a verba vinha, então você tinha que gastar no curso. Eu não tinha como justificar comprar prato.

KGMF: Tinha que ser naquele curso.

MLCP: Naquele curso, naquele período.

KGMF: E o curso demorava quanto? Dois, três meses?

MLCP: Três meses.

KGMF: Ah, bem curtinho.

MLCP: Tinha umas verbas, no começo vinha umas verbas boas.

KGMF: A aí a Senhora aproveitou para fazer as melhorias na escola, não é. Eles aprendiam já melhorando o espaço da escola.

MLCP: Então isso foi assim, ótimo porque tudo era muito espremidinho, vinha uma verba para comprar, como vem até hoje, uma verba para comprar papel sulfite, tinta de impressora, coisas desse tipo. Coisas mais para a pessoa escola mesmo, não é? Não tem... fazer melhoria foi por conta desses cursos, nós fizemos muito.

KGMF: Que legal! Que ação legal!

MLCP: É, foi muito gostoso. Isso foi assim, foi prazeroso fazer, tanto para mim quanto os professores. Por exemplo, eu não tinha na época professor que desse aula de manicure. Eu podia contratar fora. Tinha um valor, que era dentro daquele valor, mas eu poderia contratar assim: pegar minha manicure e “Olha, quer dar aula lá na minha escola?”. Assentador de azulejos, também não tinha.

KGMF: Alguém, aí não é nem (que tenha) formação, alguém que seja especializado aquilo, não é? Que seja prático, que tenha a prática.

MLCP: Então a gente tinha verba para esse tipo de coisa, eu pagava o professor e aí fazia, comprava a tinta. Então, eu não sei nem se hoje, mas eu lembro que aqueles (...) de segurança, que são vermelhos, como é? Aqueles quadros?

KGMF: Sei, sei é hidrante?

MLCP: Hidrante, tudo isso foi pintado. Não sei nem se hoje ainda é o mesmo, a mesma pintura que já faz muito tempo, mas não era nada pintado, não era nada pintado. Tinha que ser vermelhinho. A quadra nós fizemos, a quadra nós pegamos (...)

KGMF: Pintou também a quadra?

MLCP: É, na época, mas a quadra não tinha nada.

KGMF: Ah, não tinha quadra pintada ali. Era só um espaço?

MLCP: Não tinha, era só um espaço, aí nós pegamos (...) era só um espaço. Nós pegamos o espaço, uma pessoa, nós pedimos para o professor de educação física, desenhar, pôr a metragem. Fizemos tudo dentro dos conformes. E fizemos a Quadra também, pelo menos os meninos podiam jogar basquete.

KGMF: Interessante, então a quadra veio aí na sua na sua gestão?

MLCP: É depois ela foi melhorada.

KGMF: Antes era um pátio apenas, professora? Era só um pátio?

MLCP: Não, tinha só que estavam todas desgastadas. Estava bem sem graça, não se via mais nada.

KGMF: Estava bem deteriorada então, não é, a escola?

MLCP: Estava bem deteriorado pelos anos. Então as cozinhas já não precisavam tanto das cozinhas quanto antes. Quando era o curso em 4 anos eles davam (...) o próprio curso fazia almoço. Muito legal, eles serviam um almoço e aquele dinheiro que era revertido do almoço que era um almoço baratinho: alunos e professores comiam no refeitório. Mas quando passou a ser 3 anos eles começaram usar a cozinha só para o curso de Nutrição, aí não fazia mais (...)

KGMF: E foi bem durante esse período também, não é? Que teve essa mudança?

MLCP: Foi bem dentro desse período. Muita transformação, foi muita transformação. Mas teve uma grande que eu tenho até orgulho em falar. Houve um projeto do Governo Federal chamado PROFAE. Esse projeto, a intenção dele era qualificar, não vou te falar mentira, 10mil, 15 mil, maqueiros, gesseiros e auxiliar de enfermagem. Porque eram pessoas que não tinham qualificação que iam para os hospitais trabalhar, lá ficavam trabalhando como maqueiro, empurrador de maca, não tinha formação nenhuma. O Governo Federal fez um projeto que chamava PROFAE de Programa (...) Bom, é um programa de qualificação para Auxiliar de Enfermagem. E eles precisavam de escolas que tivessem o curso de Enfermagem para poder qualificar esse povo. Adivinha onde caiu? Eu me inscrevi audaciosamente, me inscrevi. Lógico com anuência do Centro Paula Souza. Fui falar com a professora Laura, ela falou assim (...) – falha na gravação.

MLCP: Então é este PROFAE nós temos que qualificar, eu acho que nós chegamos a qualificar umas 3000 pessoas. Já que foi uma reviravolta na escola, porque vinha gente de tudo quanto era lugar. Para eles interessavam fazer o curso, porque eles iam ganhar mais. Para nós por conta de dar qualificação, só que este foi um grande desafio também. Nós não tínhamos professores suficientes para suportar tudo isso. Não tínhamos salas de aula para suportar tudo isso. Na Rua São Caetano, existia hoje em dia eu acredito que não existe mais, um cursinho que era para as escolas técnicas. Que eles tinham salas ociosas à noite. Nós alugávamos salas deles com verba do Governo Federal, que vinha para a escola. E nós tivemos que fazer associações com mais duas escolas. Uma escola de Franca, que também tinha. Porque eles queriam o maior número possível. O Governo Federal queria o maior número possível de escolas, uma de Franca e uma do interior de São Paulo. Aqui são (...) não lembro mais o nome da cidade, mas aqui pertinho de São Paulo. Neste momento não tinha Parque da Juventude, não tinha nada, não tinha nada disso. Não tinha aquela de Santana. Não tinha nada disso.

KGMF: Mandaqui também? São novas, são bem novas.

MLCP: É, Mandaqui. O Mandaqui é Santana que eu estou falando. Não tinham essas escolas. Então eu tenho hoje inclusive hoje na escola que eu trabalho tem, que eu fui diretora, tem Enfermagem, mas não tinha nessa escola. Tinha o Cacá e algumas escolas no interior, quatro, cinco escolas no interior, nós não só associamos em três. E eu toda hora ia para Brasília. Eu tinha na época... porque assim: eles não mandavam dinheiro antes, depois que a coisa começava a andar é que eles mandavam. Eu já tinha então na época ...

KGMF: Já tinha então uns contratos...

MLCP: O perrengue começou está aí e eu já eu já comecei a me arrepender. Por conta que eu tinha uma sobrinha que trabalhava na TAM porque ela era minha sobrinha, porque ela é minha sobrinha e tem o meu sobrenome, ela me conseguia a passagem pra Brasília gratuita. Eu tinha reunião em Brasília, mas eles não me pagaram o deslocamento. Eu fui para Brasília várias vezes, mas por conta dessa minha sobrinha, porque eles não pagaram. Depois até veio dinheiro, mas se você soubesse a dor de cabeça... Porque o professor trabalha ele quer receber...

KGMF: Sim, claro. Tem que ter o dinheiro. E não entrava?

MLCP: Não já está arrumado, já está... Não, não, mas você não imagina o sufoco! Pagamos todo mundo, mas demorou. Veio, veio, mas demorou 3 meses para vir.

KGMF: Meu Deus, isso para o professor, não é?

MLCP: E o curso o curso era de seis meses, esse projeto era de seis meses.

KGMF: Chegou na metade!

MLCP: Você não imagina o sufoco. O professor dizia que ia na Secretaria do Trabalho, que ia não sei aonde, não adiantava e gente pedia calma. Eu tive que administrar, eu a Mercedes. Tem uma professora que hoje trabalha... inclusive foi muitos anos coordenadora aí no Carlos de Campos que... A professora Mercedes hoje trabalha no Parque da Juventude. Me ajudou muito, muito, muito. Pegamos dinheiro emprestado, uma emprestava para outra para a gente poder... E aí o pessoal da escola começou a ficar ouriçado porque que nós tínhamos entrado nisso. Fui conversar com a professora Laura e ela falou: "Dinheiro não posso te dar, mas o que você precisar, eu te ajudo. Compre coisas que eu possa te reembolsar pela APM. Como o dinheiro do Governo Federal não adiantava. Ela estava querendo me ajudar também só que ela tinha que justificar de alguma forma.

KGMF: Mas aí pelo pela parte do Governo Estadual, não é, essa ajuda?

MLCP: Eu não lembro se foi o Governo Estadual ou se foi pela FAT (?) eu não lembro agora. Eu lembro que foi muito confuso foi uma situação. Bom pra concluir a história, conseguimos, graças a Deus, qualificar acho que foram 3000 auxiliares de enfermagem.

KGMF: Quantos! Olha que beleza!

MLCP: Mas foi às custas de muita dedicação da Mercedes, minha, da Eliane Leite, que na época era a minha Diretora Acadêmica, da Geane que era Diretora de Serviço. Todos os professores, eu não sei se a Balbina ainda está na escola.

KGMF: Não, que eu saiba não.

MLCP: Todos os professores de Enfermagem que estavam envolvidos porque alguns pegaram. Quem tinha carga que desce para pegar mais aula pegava. Então todos os professores de Enfermagem... que o curso era legal, foi ótimo ajudou muita gente. Mas essas coisas de Governo Federal, você não imagina que dificuldade que é para do dinheiro vir. Veio...

KGMF: Mas demora, não é? Para administrar isso que é o duro.

MLCP: Como a gente não tinha dinheiro na APM para pagar os professores, os professores desesperados porque trabalhou, gastou condução...

KGMF: Exato, pelo menos o básico ali, vai pensar comprar comida que seja, não é?

MLCP: Foi um desafio, foi um grande desafio, mas conseguimos, sabe? Nós respiramos fundo quando acabou, quando realmente acabou. Porque ele foi terminando, não é que ele acabou de uma vez. Ele foi terminando. Bom, agora eu vou te contar o que? Eu vou te contar das festas do Cacá.

KGMF: Ah, legal. A Senhora pode seguir, viu porque assim é já está respondendo umas perguntas que eu ia fazer, que são os desafios e as dificuldades, então isso acho que já está super respondido. Mas vamos falar das festas, a de 90 anos uma delas, não é?

MLCP: A de 90 anos foi só foi só alegria. A professora Fátima não sei se tá ainda no curso é uma fofa.

KGMF: Fátima, que curso que é?

MLCP: Ela dá aula de...

KGMF: Pode ser que esteja, viu professora, pode ser que eu não conheça.

MLCP: De Artes, de Design, ela dá aula no Design. Ela é ótima, ela é uma artista. Eles fizeram um trabalho, tem um trabalho logo na entrada do lado esquerdo que foi feito para festa de 90. Tinha pelo menos.

KGMF: Ah, sei, a pedra-sabão está lá. Eu tirei foto inclusive nos trabalhos que eu fiz.

MLCP: Então, esse trabalho foi feito nos 90 anos.

KGMF: E por ela?

MLCP: Ela e os alunos. Isso era Fátima e os alunos, mas eu apoiei.

KGMF: Se eu não me engano, não tem até o nome dela lá na obra de arte, eu não lembro. Se eu não me engano que eu tirei foto. Qual que é o sobrenome dela?

MLCP: Ah, não me lembro, mas ela é super antiga no Cacá. Se você perguntar da Fátima amanhã todo mundo vai te falar. Morro de saudade deles e a festa foi muito bonita, fizemos assim, eu sempre fui... “qualquer pé de pinto dá banquete”, sabe? Eu sempre fui organizei, eu fazia decoração. Ela me ajudava muito inclusive com coisas baratas porque a gente não tinha muito dinheiro para fazer. Então fazia com macarrão, massa de macarrão barato. E fizemos muita coisa, a festa foi muito bonita de 90 anos. Vieram algumas autoridades, mas

não... nunca... eles não têm muito tempo para esse tipo de coisa. Mas foi feito. O que eu estou querendo contar para você das festas dos alunos. Tinha uma força dentro da escola, política inclusive. Eu conheci eu lembro muito bem que conheci o PSTU dentro do Cacá. E eles tinham uma coisa assim política que eles impunham o que eles queriam. Então era uma coisa muito difícil de negociar por isso que eu digo: que o Cacá foi de uma certa forma um grande desafio não só para mim para outras pessoas também.

KGMF: Mas, em sentido? O que acontecia?

MLCP: É igual nós fazemos uma festa. Vamos fazer uma festa! A festa começava às 9, 10 horas da noite e segundo eles só tinha ônibus depois das 5 da manhã. Então a festa aí até às 5 da manhã. Quantas noites eu meu marido saímos de lá amanhecendo o dia, 5 e meia da manhã. Porque eu não larguei nenhuma, eu não larguei nenhuma. Isso eu tenho a honra de dizer.

KGMF: Ficou em todas que estavam lá.

MLCP: Em todas, que eu morria de medo. Naquela época era bem diferente. Ali na Monsenhor Andrade bem pertinho da escola, tinha uma discoteca, algum lugar de boliviano, que ali tem muito boliviano.

KGMF: Tem, até hoje sim.

MLCP: Chamava Chan Cha, alguma coisa assim, não lembro nome Banchanchá, alguma coisa assim. E era só boliviano que ficava ali, era um reduto deles, dançando, também à noite toda. Sei lá, nunca entrei lá dentro, mas era um reduto deles. E eu morria de medo que acontecesse alguma coisa com os nossos alunos, então eu ficava. Quem me ajudou muito pergunte para ele, o Pedro me ajudou. Pergunte para ele.

KGMF: O Pedro, ficava até o fim, também?

MLCP: Ficava comigo até o fim. Tinha alguns professores, o Nilton ficava também. Mas alguns professores, não eram todos, lógico, cada um tinha suas famílias. Eu já não tinha filho pequeno, meus filhos faziam faculdade, então eu já não tinha muito esse tipo de problema e eu ficava, eu e meu marido. Porque ele ficava com dó e ficávamos ali até 5:30 da manhã. Porque eu tinha medo, que eles bebessem.

KGMF: Os alunos?

MLCP: Os alunos, sim. Que eles andavam algumas mochilinhas e tinha um lugar perto que não deve ter hoje em dia, eu não sei, que vendia, eles compravam aquele vinho bem barato, sabe?

KGMF: Sei, de garrafão?

MLCP: Não de garrafão, não. Tinha que ser de garrafa porque não podia entrar com bebida.

KGMF: Entrava escondidinho na mala.

MLCP: Nem cerveja, nem nada, eu já tinha esse critério com medo. Bom, até que um dia numa das festas eu acho que não sei lá quinta, sexta festa, eu já cansada também de ficar até de manhã nas festas. Porque vira e mexe caíam duas ou três por ano, vira e mexe eles queriam fazer a festa. Era festa disso, era festa daquilo e: "Não, mas gente vamos terminar

mais cedo?”, “Que à meia noite não tinha ônibus, tem que ficar até as cinco porque o primeiro ônibus passa 5 horas”.

KGMF: E aí ficava a festa rolando a noite toda?

MLCP: Aí, eu nessa última festa, eu já não aguentava mais de medo porque sempre ou aparecia um “bebinho”. Eles mesmos se cuidavam e eu interferia, mas vai para o banheiro e Lava o rosto. Até que numa, o menino ficou completamente alcoolizado, tivemos que chamar o SAMU. Aí eu falei: “Não gente, agora acabou! Agora politicamente ou não, eu vou ser mal-criada”. Convoquei, nunca tinha feito isso, convoquei Conselho de Escola. Tem ata e pode procurar, tem ata feita do Conselho de Escola. Fizemos uma reunião de Conselho de Escola, chamei os pais, porque os pais achavam que se os filhos estivessem dentro da escola não tinha perigo nenhum. Só que você imagine 400, 500 jovens e ainda os que traziam os colegas.

KGMF: Ah, entrava colega de fora, sim. Que responsabilidade mesmo, não é?

MLCP: E eles dançavam naquela época, era um negócio que ficavam pulando, eu não sei se como é que chama isso, eles ficavam pulando e se batendo uns nos outros.

KGMF: Ah, tipo bate cabeça, aqueles negócios de rock mesmo, não é?

MLCP: É, pauleira. Não até porque depois eu fui diretora em outra escola que era pagodinho, era umas coisinhas mais leves lá. E então eles eram rock pesado.

KGMF: Tá, que ficavam se batendo até perigoso também te machucar, né?

MLCP: Exatamente, aí acionei o Conselho de Escola, ficou resolvido que as festas terminariam às 10, 11h. Não sei, para dar tempo de pegar o tempo de pegar o ônibus. Acabaram-se as festas até de manhã. Foi um terror, os colegas, os professores ficaram: “Como, Maria Lúcia, você vai enfrentar?”, eu falei “vou, vou enfrentar, vou para o Conselho de Escola, não quero nem saber, eu não tenho condições. Já pensou se me morre uma criança aqui? Um jovem aqui dentro?”. É muita responsabilidade. Então eu tive que enfrentar, porque muitas vezes essa política deles era mais fácil você ir contornando, sabe, que você agradava todo mundo então ia tudo bem.

KGMF: E foi levando, mas quando acontece alguma coisa, um ponto desse, não é?

MLCP: Não aconteceu nada nenhum foi só... o menino ficou alcoolizado, sabe? Mas foi um mote quando chamou o SAMU. Acabei com a festa, sei lá três e meia, quatro horas da manhã, acabamos com a festa. E aí na segunda-feira eu acionei, me preparei, e acionei o Conselho de Escola. O Conselho de Escola deu que não era mais para ter festas. Ótimo! Acabou. Quer dizer as festas poderiam até as 10 horas da noite.

KGMF: Pelo menos colocou alguma regra porque ali além do bairro ser perigoso...

MLCP: Não, não tinha regras, eles não queriam regras. Então era uma... foi assim, sabe foram desafios muito, muito grande, que em outra escola, em outras escolas, eu não passei. E eu sempre fui muito é negociante, sempre fui de negociar uma alternativa de... sabe eu nunca fui rígida, eu não fui diretora impostora. Pelo contrário eu sempre fui... nunca impus a minha a minha vontade, mas eu sempre fui maleável.

KGMF: Sim, muito atenciosa, também, ficava até o último...

MLCP: Não, isso eu fazia por conta, por responsabilidade minha, por arcar com a responsabilidade de ser diretora. Afinal de contas ninguém veio me buscar na minha casa para ser diretora eu fui porque eu quis. E eu aceitei o desafio e me falaram “É um desafio”, e foi mesmo.

KGMF: Bem que falaram, não é? Bem que avisaram.

MLCP: Desafio mesmo. O que eu tenho hoje imenso carinho por tudo isso que eu fiz. Eu agradeço a Deus ter feito. Eu me sinto assim, pode ser até um pouquinho lisonjeiro da minha parte. Mas eu sinto assim que eu fiz parte da história de São Paulo, sabe?

KGMF: Sim porque a Escola é uma parte muito importante da história de São Paulo.

MLCP: Primeira Escola Feminina de São Paulo, sabe? Então assim, eu sinto que eu fiz justiça e fui justa, eu dei o meu melhor. Não sei se consegui, nem sei se agradei a todos. Eu vou dizer para você eu nem sei...

KGMF: O que importa é que segurou ali a barra por 7 anos, não é?

MLCP: Sim, 7 anos eu segurei a minha barra, sim. Eu segurei, eu saí com do mesmo jeito que eu entrei com a cabeça erguida. Saí com a cabeça erguida e continuei a minha trajetória. Então assim, tem muita coisa pra contar pra vocês. Assim, tem uma história de um menino que morreu no dia do aniversário dele.

KGMF: Jura? Dentro da escola?

MLCP: Não foi dentro da escola, foi na linha do trem.

KGMF: Jura? Mas caiu ali dentro da linha?

MLCP: Não, foi o seguinte: ele, era (de) uma turminha, eles eram 4 ou 5. Esse menino fazia e isso foi um dos momentos mais tristes da minha vida. Não como diretora, como ser humano. Foi um dos momentos mais tristes da minha, nem estou pensando nessa coisa de ser diretora, não. Ele fazia 18 anos naquele dia, ele entrou na Escola às 7 horas da noite, pegou os amigos dele, foram neste lugar que comprava vinho. Que era uma adeguinha ali por perto. Não me pergunte onde é, não sei, me falaram. E foram, eles pularam na linha do trem, na primeira travessa tem um jeito de você tinha, não sei se tem hoje, de você pular na linha do trem.

KGMF: De pular de uma linha para outra, de uma de uma plataforma para outra?

MLCP: Não, não, dentro da linha dentro da linha, uma passarela, eles pularam a passarela. Eles eram 6 ou 7, não sei exatamente, talvez 8. Para fazer uma farra pelos 18 anos do amigo e para eles tomarem o vinho. E acho que estavam puxando fumo, não vi. O vinho eu sei, acho que estavam puxando fumo. O trem não para, vai e volta. Na brincadeira pegou o menino. Todos os moleques sumiram.

KGMF: Os colegas?

MLCP: Todos. Eu tinha acabado de chegar em casa, era umas 8 horas, 8 e pouco. Eu tinha nessa época, uma pessoa maravilhosa, um ser humano muito querido, hoje ele é falecido, o seu Zé, que todo mundo conhece ele na escola. O seu Zé foi um amado, uma pessoa amada, muito fofo. O Seu José me ajudou demais, demais, demais. O seu Zé me liga. Aquela época não tinha celular. Era em casa mesmo. Eu tinha acabado de chegar, o seu Zé falou assim “Maria Lúcia, eu acho que é bom você voltar aqui” “Mas eu já o que aconteceu?” “Aconteceu

uma tragédia aqui, melhor você voltar”. Fui eu e o marido pra escola de novo. Quando eu cheguei lá eu fui até...

KGMF: A plataforma lá?

MLCP: É uma ponte, é uma escadinha de... é uma ponte de aço, sei lá, de ferro. Eu não enxergava muito porque era de noite, não é? Aí eu pedi para o Seu Zé, o Seu Zé estava comigo, eu falei “Seu Zé, pelo amor de Deus, vai lá na Enfermagem me pega 2 Lençóis para pôr em cima desse corpo”. Porque o trem continua passando.

KGMF: Continua passando nele? No menino...

MLCP: Aí eu falei... eu não sabia nem o que tinha a guarda da ferrovia. Ele falou assim: “Ah dona, não adianta não, que o trem passa e leva o lençol”. Foi por umas pedras. “Mas não pode deixar assim...”. Eu fiquei brava, fiquei muito brava. Bom, pegamos os lençóis no curso de Enfermagem. Ele entrou lá no ambulatório, o seu Zé. E mandou o guarda, não podia descer lá. Teve que esperar a perícia mesmo. E aí pusemos umas pedras para poder não ficar parecido. O pior foi essa mãezinha.

KGMF: Ah, eu imaginei e a Senhora que teve que dar notícia? Como que foi? Meu Deus!

MLCP: Foi um dos piores momentos da minha vida. Ela me agarrou por aqui (coloca as mãos no ombro), ela dizia para mim: “Fala que é mentira, ele está fazendo 18 anos, a festa está prontinha para o sábado”. Era uma quarta-feira. “A festa está prontinha para o sábado”. Eles iam fazer lá uma comemoração. Nossa, de lembrar me arrepiava.

KGMF: É, eu também estou arrepiada aqui com a história.

MLCP: E me lembrar, faz muitos anos, mas sabe quando... Eu também não lembrava mais disso, agora conversando...

KGMF: Que loucura, que responsabilidade! E que... nossa!

MLCP: Eu não podia fechar os olhos.

KGMF: E aí professora, eu acho que é uma hora ali que a Senhora como mulher e tudo, né? Ter que ter aquela coisa de falar para uma outra mãe ali. Um aluno da escola.

MLMC: Um menino de 18 anos. Não, estou te dizendo foi um dos piores momentos da minha. Eu liguei para a supervisão na hora, eu tinha o telefone de uma das supervisões da casa dela. Liguei para ela e ela falou: “Maria Lúcia, faz a sua parte”. Fui depois, eu tive que ir pra delegacia, tive que ajudar no processo, mas isso tudo depois já com a cabeça mais fria você vai resolvendo o que tem que ser aquela parte legal. A preocupação de saber se tinham dado presença para o menino. Ele entrou na escola.

KGMF: Ele chegou a entrar?

MLCP: Ele entrou na escola pegou os colegas e foram comemorar.

KGMF: Mas não chegou nem entrar na aula, não é?

MLCP: Não sei se entrou na aula, mas entrou na escola. Mas a minha preocupação porque às vezes professor põe lá uns pontinhos como se estivesse presente. A minha preocupação era essa ele não podia ter presença.

KGMF: Ah, por causa da documentação e tudo...

MLCP: Por causa da documentação. Então, esse também foi um momento, esse foi acho que talvez o momento mais terrível da minha vida. Foi o mais triste da minha vida. Não foi fácil.

KGMF: Olha, que história!

MLCP: É, o que eu te digo para você, história que não falta. Não foi uma nem duas não, foram muitas. E assim, sempre eu tive o apoio dos colegas, professores ficaram comigo, eu saí da escola, acho que três horas da manhã, duas e meia horas da manhã, Moacyr ficou comigo nesse momento. Eu lembro disso, pode perguntar para ele.

KGMF: Olha, vou perguntar para ele dessa história, com certeza.

MLCP: Eu acho que o Pedro. Assim, de cabeça hoje eu não lembro de todos, mas bastante professores ficaram comigo.

KGMF: Que legal! Foram solidários pelo menos nesse momento.

MLCP: E o corpo foi retirado no dia seguinte, 11 horas da manhã. Eu vim para casa, descansei um pouco, tomei banho e voltei para escola, cheguei na escola e ainda não tinham retirado o corpo. E se eu não tivesse mandado tampar?

KGMF: Mas a gente não é nada, não é? Que coisa.

MLCP: Porque precisava da Medicina legal passar.

KGMF: E já era de madrugada, não devia ter...

MLCP: É, não sei. Eu nem sabia que existia. Eu fiquei sabendo neste momento, eu nem sabia que existia uma polícia ferroviária. Achava que polícia era polícia. Mas a polícia comum não entra na ferrovia. É uma outra polícia.

KGMF: Ah, uma específica dali da ferrovia.

MLCP: Da ferrovia. Então, assim, essa esse foi um momento muito trágico, muito infeliz. Sinto e até por conta dessa mãe, que ela dizia para mim: "Essa escola só me deu infelicidade". A filha dela com 18 para 19 anos também tinha estudado lá. Também engravidou na escola. Não dentro da escola, mas engravidou. Mas um neto indesejado. Aí o filho morre na escola.

KGMF: Que memória que essa mãe vai ter? Ai, meu Deus.

MLCP: Foi muito triste. Então foram coisas assim que eu não gostaria de ter passado, mas enfrentei.

KGMF: Enfrentou, exatamente.

MLCP: Por isso que eu digo para você eu tenho orgulho de ter pertencido à família do Cacá, sabe? Porque o pessoal, tem um pessoal, tem muita coisa... Esses professores mais antigos eles estão lá desde o tempo da Secretaria da Educação. Nem fiquei lá tanto tempo assim, e eles têm muito orgulho. (interrupção da gravação)

KGMF: Prontinho, voltamos.

MLCP: Voltamos, então vamos lá.

MLCP: Mas eu também tenho que agradecer a todos os colaboradores, que todos me ajudaram. Posso dizer nunca ninguém me largou na mão. Sabe, eu enfrentava, eu não tive medo de enfrentar, mas eu também nunca me senti desprotegida.

KGMF: Sempre com alguns parceiros ali te apoiando, que legal.

MLCP: Sempre houve, não sei só posso dizer a esquerda, sempre teve aqueles que contestavam, sempre.

KGMF: Questionavam... isso é uma escola muito questionadora, não é? Em geral, não é?

MLCP: Assim, mas olha, o que eu procurei fazer foi justiça. Eu procurei ser justa, escutar dois lados, eu nunca fiz reunião sozinha com o professor. Eu sempre juntava as partes ou melhor escutava um lado escutava o outro, juntava as partes, fazia tipo uma acareação para que as coisas ficassem resolvidas, para que não houvesse ranço entre alunos, entre professores. Eu sempre procurei dar o meu melhor. Tá ruim aí?

KGMF: Não, não, está dando certo! Está dando certo.

MLCP: Eu tenho a plena sensação nesse caso de dever cumprido, sabe? Eu cumpri a minha parte naquele tempo, naquele momento. Eu tentei no último concurso, eu tentei, eu fiz... para eu voltar, mas eu fiquei... não fui bem aceita.

KGMF: Foi, bem na última eleição, né?

MLCP: Foi, eu tinha sempre... Eu era sempre agraciada... por essa parte assim da Enfermagem, da Nutrição, Edificações sempre foi meio a meio. Mas a turma de Artes nunca me aceitou muito bem... Sempre assim talvez porque eu nunca tenha sido artista, talvez, não sei, não sei, Kelen, não vou dizer para você, mas por outro lado deixei grandes amigos...

KGMF: Ah, mas certamente com muito respeito, não é professora? Eu acho que todos os professores também têm noção da dificuldade que é ser diretor numa escola dessas, não é?

MLCP: Você sabe que uma vez eu disse para um professor assim. O professor fez uma coisa que eu chamei ele para conversar e aí eu virei para ele eu falei... Eu não vou citar o nome que não é nem necessário, nem se ele está na escola ainda. "Professor, olha tem uma coisa que eu queria saber o seguinte: você tem alguma coisa contra a Maria Lúcia? Ou você tem alguma coisa contra o diretor dessa escola?" Ele me olhou e naquele momento ele entendeu que ele não tinha nada contra mim e ele tinha contra diretor de escola, ele não queria regras.

KGMF: Era contra o cargo, né?

MLCP: Ele virou meu amigo. Ele virou amigão do coração, do nada, porque eu disse isso para ele: "Professor se tiver alguma coisa contra a Maria Lúcia, vamos resolver já, agora se for contra o diretor da escola..."

KGMF: É um é um cargo que precisa existir, não é?

MLCP: E aí foi uma coisa assim, Kelen, foi assim maravilhoso! Ele se tornou um amigão meu. Porque ele entendeu que o problema não era eu. E assim como ele muitos outros, deve ter acontecido, que não gostam de regras.

KGMF: E as regras são aí porque vocês fazem interlocuções entre os professores, os alunos e o Centro Paula Souza, não é?

MLCP: e a mantenedora, que é o Centro Paula Souza.

KGMF: Tem que ter regra que vem de cima inclusive, não é?

MLCP: Não tem jeito, não pode ter dois pesos, duas medidas. E o que eu que digo para você, foi difícil, porque de depois eu continuei sendo diretora no Centro Paula Souza.

KGMF: Ah, a Senhora continuou sendo diretora em outras escolas.

MLCP: Outra escola e não foi tão difícil quanto o Cacá.

KGMF: Entendi, mas a primeira direção foi no Cacá?

MLCP: Foi, do Centro Paula Souza, eu já tinha sido na Secretaria da Educação.

KGMF: Tá, diretora lá.

MLCP: É, mas na Secretaria da Educação é uma coisa assim mais ...

KGMF: É mais administrativa?

MLCP: Mais administrativa, não tem tanta essa coisa do pedagógico. E os cursos técnicos é que acabam, sabe, dando essa... o que eu acredito muito. Eu me identifiquei. Eu acredito no curso técnico, no ensino técnico, essa profissionalização dos jovens, é uma coisa superimportante. Eu já tive milhões de provas ao longo da vida do que virou uma pessoa que fez. No próprio Cacá, aluno que saiu daí do curso de Arte e foi trabalhar na indústria do Carnaval e que ganhava muito dinheiro porque a indústria do Carnaval e o inteiro.

KGMF: Sim, é verdade! Muda a vida das pessoas, não é?

MLCP: Mas é muita gente do Cacá que sai para trabalhar na indústria (do carnaval). Não sei hoje, como o curso está hoje, mas naquela época que a Fátima fazia muito dessas coisas de modelagem.

KGMF: Modelagem do vestuário? Hoje que ainda tem os cursos lá de...

MLCP: Não peguei esses cursos.

KGMF: É esse já é um pouquinho mais para 2010, não é?

MLCP: Mas a Fátima que trabalhava com modelagem muito aluno saiu do Cacá e foi trabalhar para fazer Escola de Samba, para fazer alegoria.

KGMF: Olha só, isso realmente isso muda a vida da pessoa, não é? Porque ela se profissionaliza. É a virada de página da vida da pessoa.

MLCP: E ganha seu dinheiro honestamente. Quantos deles? Porque o Carnaval a gente pensa no Carnaval em quatro, cinco dias, mas teve o ano...

KGMF: O ano inteiro para produzir, não é?

MLCP: Você pode até levar ele para como mensagem da Maria Lúcia, além de mandar meu abraço, você diga para ela. Sei lá, para ela fazer um levantamento de quem foram para as escolas de samba que saíram do Cacá.

KGMF: É até um estudo isso, desse mercado que acaba sem querer absorvendo os alunos.

MLCP: Que foi muita gente, na minha época ia muita gente, uns levavam os outros e bastante jovens foram trabalhar.

KGMF: Que legal! O que importa, assim realmente é dar um destino para esse jovem para ele conseguir ganhar o dinheirinho dele, produzir, ajudar a sociedade, não é?

MLCP: É isso que é importante, a profissionalização mesmo. Então eu acredito muito mesmo no ensino profissional. E assim, olha, uma experiência de vida que esta for bem bonitinha, eu fazendo... a tempos já também, eu fazendo uma quimioterapia...

KGMF: Ah, caramba! Teve câncer?

MLCP: Dentro do meu mandato eu administrei um câncer.

KGMF: Nossa, meu Deus! Que barra!

MLCP: É, tem muita história. Eu fazendo a quimioterapia, a menina falando assim: “Eu conheço a senhora”. Porque a quimioterapia você fica o dia inteiro com o soro, parece um soro, mas tem uma química. E ela falou: “Eu conheço a senhora”, mas eram muitos alunos, e ela falou: “Estudei no Cacá”. Eu falei: “Não diga?”. A menina me pondo soro de quimioterapia que tinha sido minha aluna! Quer coisa mais bonita que essa?

KGMF: Está ali te ajudando, não é?

MLCP: “Você vai me tratar bem, né?”. Ela falou assim: “Não, não vou tentar bem porque com essa medicação a senhora vai perder o cabelo. Fiquei careca realmente, mas eu sabia que eu ficar.

KGMF: Mas que bênção que se recuperou, né? E tá aí, olha, firme e dando aula ainda!

MLCP: Eu lembro de uma vez assim, é só para ilustrar. Eu lembro que eu sabia que ia ficar careca. Eu fui ao cabelereiro, eu falei eu vou pedir... que eu tinha uma colação de grau no Mackenzie. Um lugar lá, do Mackenzie, uma dessas empresas de formatura e foi no Mackenzie e aí falei: “Eu vou no cabeleireiro”. O cabelo já estava caindo água, jogava assim no lixo atrás da mesa. E aí eu falei assim: “eu vou cortar bem curtinho que aí ninguém percebe que eu estou ficando careca. Quando eu fui lavar o cabelo para cortar, caiu tudo na mão da moça. Aí sai de lá de peruca. Eu nunca tinha usado peruca na vida. E eu tinha que presidir a mesa e o povo vinha me abraçar e eu achava que ia cair. Foi um sufoco, mas deu tudo certo. (...) Aí eu andei de peruca. A Tuca, não sei se você conhece, a Tuca que era professora de Enfermagem, coordenadora de Enfermagem?

KGMF: Tuca? Não, não conheci.

MLCP: Uma graça, uma lindeza, ela é uma fofa. Mas ela é de Nutrição, ela é de Nutrição, ela era coordenadora de Nutrição. A Tuca falava assim para mim: “Ah, Maria Lúcia, tira essa peruca, põe assim um “brincão”, bem grande e pronto”, mas eu nunca me assumi, sabe? Sem peruca, nunca me assumi. Eu usei peruca o tempo todo. Mas eu comprei uma peruca parecida assim com meu cabelo então tinha gente que não percebia.

KGMF: Não percebia, olha! Mas que barra, não é? Que desafio também!

MLCP: Então, eu podia tirar licença, um detalhe. Eu ligava a Sueli que era minha supervisora na quarta-feira e eu falava: “Eu vou fazer quimio” e ela falou “Vai com Deus”. Eu fazia quimio na quinta, na sexta passava mal, no sábado passava mal, no domingo melhorava, segunda eu ia trabalhar. Eu pensava o seguinte: “Se eu ficar em casa... eu podia. Ela falava “Tira licença” eu falava “Não vou tirar licença, se eu tirar licença eu vou ficar pensando no meu problema, que eu estou doente e não vou melhorar, não, não quero.”

KGMF: Aí vai começar a afetar a cabeça, não é?

MLCP: Exatamente, eu tenho tanto problema para resolver a escola...

KGMF: ... que até ajuda a melhorar se bobear, não é?

MLCP: Exato, mas olha, eu estou aqui inteira, mulher!

KGMF: Olha aí! Que maravilha, que história bonita, hein professora? Nossa quanta história!

MLCP: Eu estou dizendo que eu tenho orgulho de... e eu lembro muito bem dessa coisa do Cacá, porque foi difícil para mim alguns momentos, como eu te contei. Mas teve muita Glória, muita Glória.

KGMF: Eu vou até te perguntar assim, dentro todas elas, que eu estou pedindo para todos, qual foi o que deixou a sua marca? Que a senhora acha que deixou a sua marca no Cacá dentre todas essas coisas?

MLCP: Acho que as festas que eu fazia para os professores.

KGMF: As festas dos professores?

MLCP: É, que eu fazia com tanto carinho um porque ninguém estava acostumado a fazer nada. Essa unificação de professores, sabe? Mas as pessoas dos professores e as essas os alunos até me deu essa encrenca porque eles se divertiam, a moda deles, mas eles se divertiam. Então de uma forma geral acho que eu deixei as festas.

KGMF: As festas, não é? Que a senhora tinha até comentado das festas. E elas foram a marca. E é um espaço gostoso ali também, não é? Um espaço histórico.

MLCP: É, eu fiz com prazer, sabe? Tanto para os alunos, ficavam até 6 horas da manhã, 5:30 horas da manhã como para os colegas professores. Acho que assim eu promovi alegria, sabe? Eu acho que isso foi importante. Sim, para mim foi uma marca. Não sei se para eles.

KGMF: Não, para a Senhora mesmo, o que foi a marca para a Senhora.

MLCP: ... E ter sido diretora é uma honra muito grande, não é, do Cacá, com todas as adversidades, é uma honra muito grande!

KGMF: Ah, e tirou de letra pelo jeito.

MLCP: E assim, como eu aceitei o desafio e fiz de muito bom coração. Eu dei um pouquinho de mim para o Cacá, para os alunos e para os colegas professores. Muita gente boa, muita gente querida...

KGMF: Nossa, está de parabéns viu professora pela trajetória, mesmo! E pela contribuição, não é? A gente só tem a agradecer mesmo.

MLCP: É, a contribuição acho que foi importante.

KGMF: E ai, acho que para a gente colocar aqui que mensagem que a Senhora deixaria aqui para a escola.

MLCP: O meu carinho eterno.

KGMF: Para a história, que agora, vai ficar para a história, que a gente está gravando.

MLCP: É, o meu carinho eterno para todos os colegas que passaram que ainda estão, os que eu conheci, os que faleceram nesses anos todos. Que é a vida, não é? Eu deixo todo meu carinho, todo meu agradecimento, todo meu respeito por... pelo Centro Paula Souza e pelo pessoal do Cacá. Adoro todos eles, nossa deixei muitos amigos queridos, tenho saudades. Voltar acho que agora não mais. Porque já estou de fim de carreira, mas assim, o que eu fiz, eu fiz com paixão.

KGMF: Ah, não, com certeza, e adicionou muito aqui para a história da escola.

MLCP: Aí eu não sei se você precisa de mais alguma coisa.

KGMF: Não, eu agradeço muito professora, assim, poder compartilhar com a gente aqui a sua história, o seu período também de diretora ali na Carlos de Campos. Eu acho que foi incrível aqui as histórias que a Senhora contou para a gente. E enfim muito obrigada por ceder sua entrevista para gente...

MLCP: Obrigada você por ter procurado. Achei lindo, vocês terem feito... Você manda meu abraço muito grande para a Maria Lúcia, e você também fique com Deus, com um abraço muito grande, um carinho muito forte para você. Eu adorei participar.

KGMF: Está joia, muito obrigada!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Kelly Gracielli Magri Ferreira

Maria Lúcia de Carvalho Pereira

Centro de Memória

Educação Profissional

História da Educação

Diretores

Gestão Educacional

Etec Carlos de Campos

PROFAE

Dogueiros

90 anos da Escola Profissional Feminina

Técnico em Enfermagem

Técnico em Nutrição

ETESP

Secretaria da Educação

Secretaria do Trabalho

Pedagogia

Escola de Samba

Carnaval

Quimioterapia

Dados Biográficos da Entrevistada



Maria Lucia de Carvalho Pereira - Possui graduação em Letras pela Faculdades Intergradadas Princesa Isabel(1978), graduação em pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Oswaldo Cruz (1972) e especialização em Planejamento e Gestão da Educação Profissional pelo Núcleo de Estudos de Gênero PAGU- Unicamp(2001). Foi Professora Universitária da Faculdade European e atualmente leciona na ETESP pelo Centro Paula Souza.

Dados Biográficos da Entrevistadora

Kelen Gracielle Magri Ferreira nasceu em São Paulo/SP. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2004) e em História Pela Universidade Nove de Julho (2020). Graduação em Edifícios pela Fatec-SP (2003), especialização em Design de Interiores no SENAC-SP (2015), Curso Técnico em Edificações no Instituto Federal de SP (1998) e Curso Técnico em Design de Interiores na Etec Carlos de Campos (2005). Atualmente é professora de projeto na Etec Carlos de Campos (desde 2009) e arquiteta no Banco Itaú-Unibanco (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas linhas de educação, com formação pedagógica pelo Centro Paula Souza (2016) e em gestão de projetos, com certificação PMI. Atualmente cursa Mestrado em Arquitetura, Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/9647062280871723>

Anexos (documentos sigilosos e não público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Maria Lúcia de Carvalho Pereira

Termo de Autorização para uso de Imagem de Maria Lúcia de Carvalho Pereira